

Universidade Federal da Paraíba
CE - Centro de Educação
Graduação em Educação
Curso de Pedagogia

Alunas: Joice Ellen da Silva Souza 11223860
Maria de Lourdes Thayna Alves 11223839

A inclusão da pessoa com Síndrome de Down na
sociedade e no âmbito escolar.

João Pessoa – PB

2016

Joice Ellen da Silva Souza
Maria de Lourdes Thayna Alves

A inclusão da pessoa com Síndrome de Down na sociedade e no âmbito escolar.

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título em Prof^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues.

João Pessoa - PB

2016

S729i Souza, Joice Ellen da Silva.

A inclusão da pessoa com síndrome de Down na sociedade e no ambiente escolar / Joice Ellen da Silva Souza, Maria de Lourdes Thayna Alves.– João Pessoa: UFPB, 2016.
32f.

Orientadora: Janine Marta Coelho Rodrigues
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
UFPB/CE

1. Síndrome de Down. 2. Trissomia. 3. Inclusão. I. Alves, Maria de Lourdes Thayna. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

JOICE ELLEN DA SILVA SOUZA
MARIA DE LOUDES THAYNA ALVES

**A INCLUSÃO DA SÍNDROME DE DOWN NA ESCOLA E NO ÂMBITO
SOCIAL**

**Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para a
obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da UFPB – Universidade
Federal da Paraíba.**

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Janine Marta Coelho Rodrigues (Orientadora)

Professor Dr^o. Magno Alexon Bezerra S (Examinador)

Professora Dr^a Edneide Jezini Mesquita Araújo (Examinadora)

DEDICATÓRIAS

Dedico a Deus por nos ter dado força a chegarmos até aqui, e está sempre conosco, pois tudo só é possível pela graça dele.

AGRADECIMENTOS

Para todas as pessoas que acreditaram em mim. Principalmente para Josicleide da Silva Souza (mãe) e colaboradora, mulher forte batalhadora ao qual, sem a ajuda da mesma talvez não estivesse aqui. A José Damião de Souza (pai), que sempre me apoiou em todas as minhas decisões. A Neuza Batista da Silva (vó) que aos 82 anos, é a minha fonte de inspiração. A meus irmãos Jennifer Emily e José Everton, por ser minha alegria. A minha família, que estiveram presentes em todos meus momentos.

Para alguns amigos, Thayna Alves, Nayara Cristine, Ericka de Medeiros, Railane Rosendo, Taysa Rosendo, que sempre confiaram em mim, e deram-me conselhos me ajudaram quando mais precisei.

A minha orientadora Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues, essa pessoa encantadora ao qual tenho grande satisfação em ter conhecido, pela paciência e dedicação a esse trabalho.

A professora Rose Mary de S. Araújo, mulher ao qual admiro, pelo fato de me ter mostrado no 1º período do curso de pedagogia, a verdadeira realidade dentro da universidade. Aos mestres e doutores que passaram por minha vida acadêmica, abrindo as portas do conhecimento.

Finalmente a banca orientadora, pela disponibilidade e apoio.

A todos o meu muito obrigado!

Assinado: Joice Ellen da Silva Souza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a minha falecida vó Maria Luiza da Conceição, que sempre me ajudou em tudo que precisei para chegar até aqui.

A Maria das Dores Alves (mãe) por sempre me encorajar para a vida, a me dar conselhos e educação. A Katia Regina Alves, João Paulo Alves e Ana Luiza Alves (irmãos), por sempre me apoiarem e estarem ao meu lado.

A Antônio Luis da Silva (esposo) querido, que sempre me deu força, me apoiou em todas minhas escolhas. A Joice Ellen, Nayara Cristine, Ericka de Medeiros e Jaqueline Nunes (amigas) que compartilharam momentos bons e difíceis da minha vida.

A minha querida Orientadora Janine Marta Coelho Rodrigues, que com muita paciência e dedicação nos ajudou a fazer este trabalho com muita sabedoria, uma orientação exemplar, que nos ofereceu nesse determinado tempo de estudo.

A banca orientadora pela disponibilidade e apoio.

A todos mestres e doutores que tive nesta longa caminhada acadêmica.

E a todas as outras pessoas que direta ou indiretamente me apoiaram para que eu chegasse até aqui.

A todos meu muito Obrigado!

Assinado: Maria de Lourdes Thayna Alves

SUMÁRIO

Resumo.....	9
1 Introdução.....	12
2 Embasamento teórico.....	14
2.1 Síndrome de Down.....	14
2.2 Caracterização.....	15
2.3 Diagnostico.....	16
2.4 Cariótipo.....	17
2.5 Doenças associadas com maior frequência na Síndrome de Down.....	17
2.6 Desenvolvimento cognitivo.....	18
2.7 Sexualidade das pessoas com síndrome de Down.....	19
2.8 Modelos de atendimento	20
3 Aspectos metodológicos.....	22
3.1 A instituição.....	22
3.2 Entrevista.....	24
3.2.1 Relato de uma mãe.....	24
3.2.2 Relato de uma avó.....	24
3.2.3 Relato da professora.....	25
3.2.4 Análise da Direção.....	26
3.3 Lei da educação especial.....	26
3.4 Coleta de dados.....	27
3.5 Análise de dados.....	27
Conclusão.....	29
Referencias.....	30
Apêndice 1.....	31
Apêndice 2.....	32

RESUMO

A síndrome de Down é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. As crianças, os jovens e os adultos com síndrome de Down podem ter algumas características semelhantes e estar sujeitos a uma maior incidência de doenças, mas apresentam personalidades e características diferentes e únicas. É importante esclarecer que o comportamento dos pais não causa a síndrome de Down. Não há nada que eles poderiam ter feito de diferente para evitá-la. Além disso, a síndrome de Down não é uma doença, mas uma condição da pessoa associada a algumas questões para as quais os pais devem estar atentos desde o nascimento da criança. As pessoas com síndrome de Down têm muito mais em comum com o resto da população do que diferenças. O mais importante é descobrir que está criança pode alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e avançará com crescentes níveis de realização e autonomia. Ele é capaz de sentir, amar, aprender, se divertir e trabalhar. Poderá ler e escrever, deverá ir à escola como qualquer outra criança e levar uma vida autônoma. Em resumo, ele poderá ocupar um lugar próprio e digno na sociedade.

Palavras Chave: síndrome de Down, trissomia, sociedade

ABSTRAT

Down syndrome is caused by the presence of three 21 chromosomes in all or most of an individual's cells. This occurs at the time of conception of a child. People with Down syndrome, or trisomy 21, have 47 chromosomes in their cells instead of 46, like most of the population. Children, young people and adults with Down syndrome may have some similar characteristics and be subject to a higher incidence of diseases, but they have different and unique personalities and characteristics. It is important to clarify that parents' behavior does not cause Down syndrome. There is nothing they could have done differently to avoid it. In addition, Down syndrome is not a disease, but a condition of the person associated with some issues that parents should be aware of since birth. People with Down syndrome have much more in common with the rest of the population than differences. The most important thing is to discover that this child can achieve a good development of his personal capacities and will advance with increasing levels of achievement and autonomy. He is able to feel, love, learn, have fun, and work. You will be able to read and write, you should go to school as any other child and lead an autonomous life. In short, it can occupy a proper and dignified place in society.

Keywords: Down syndrome, trisomy, society

SIGLAS

PB – Paraíba

IEP – Instituto Educacional da Paraíba

FUNAD - Fundação de apoio ao deficiente

AEE – Atendimento educacional especializado

EJA – Ensino de jovens e adultos

EUA – Estados Unidos da América

1 INTRODUÇÃO

O presente TCC visa compreender como se dá a inclusão dos alunos com síndrome de Down no âmbito escolar e na sociedade bem com sua aceitação ou não pelo grupo ao qual é inserido.

Verificar se as escolas possuem estruturas físicas, organizadas de acordo com o exigido por lei, o preparo dos professores tanto emocionalmente, como os subsídios teóricos e práticos.

Ainda verificar a socialização do aluno com síndrome de Down na comunidade escolar e interação, mostrar o potencial de aprendizagem desse aluno. Devido aos artigos e seminários realizados anteriormente, foi que este tema surgiu, com o intuito de verificar a inclusão desses alunos e como estão sendo vistos em meio a sociedade e no ambiente escolar. Segundo os mesmos, sente-se melhor em meio a outras crianças e jovens com síndrome de Down, em uma sala separada das regulares. No entanto, ao se falar de inclusão é preciso ressaltar que não se trata de modismo e nem de uma nova tendência educacional e sim de um processo essencial para a vida em sociedade.

A inclusão é uma obrigatoriedade no setor educacional, por aparecer em diversos diálogos da área educacional, foi que este tema surgiu, no intuito de verificar como está sendo o processo de inclusão dos alunos com síndrome de Down na escola e na sociedade.

A cada 500 crianças uma nasce com síndrome de Down, vale ressaltar que é um fato que acontece acidentalmente e pode acontecer entre mulheres jovens e sem que exista casos na família.

Atualmente existem exames que podem identificar as alterações no feto. Acusando a trissomia do cromossomo 21, a aminocentese, a amostra de Viro colial e a cordocentese, através da ultrassonografia pode-se verificar um possível comprometimento do feto pela Síndrome de Down. Esse exame é realizado entre a 11ª e a 13ª semana de gestação, ocasião que se mede milímetros do feto, na nuca, entre a pele e a coluna. Quando esse espaço é muito

grande há uma suspeita do que o bebe tinha entre outras doenças a síndrome de Down.

Inclusão escolar é a inserção de alunos com deficiências em uma escola que reconhece e valoriza os mesmos, procurando desenvolver suas diferenças por meio de práticas de ensino e que busca o que há de melhor em cada um.

Na inclusão é a escola que se modifica e passa a se adaptar as necessidades de cada aluno com deficiências ou até mesmo sem deficiência. Incluir requer pensar sempre em novas estratégias, novos métodos, no qual acontecem erros e acertos e não tem uma formula, nem receitas que a escola possa usar e está escola inclusiva não manda embora os alunos que não se adaptam a ela.

Entre tudo não devemos confundir inclusão com a interação que é o direito dos alunos, onde a pessoa com deficiência que se adapta a escola

O referente TCC foi realizado em bases teóricas: pesquisa documental e bibliográfica. Onde escolhemos a escola IEP (Instituto de educação da Paraíba) como campo de aprofundamento e conhecimento.

2 SÍNDROME DE DOWN; REVISÃO TEÓRICA

2.1 SÍNDROME DE DOWN

A síndrome de Down é causada pela presença de 3 cromossomos alocado no cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, possuem 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. As crianças, os jovens e os adultos com síndrome de Down podem ter algumas características semelhantes e estar sujeitos a uma maior incidência de doenças, mas apresentam personalidades e características diferentes e únicas.

Os seres humanos têm, normalmente, 46 cromossomos em cada uma das células de seu organismo. Esses cromossomos são recebidos pelas células embrionárias dos pais, no momento da fecundação. Vinte e três vêm dos espermatozoides fornecidos pelo pai e os outros 23 vêm contidos no óvulo da mãe. Juntos, eles formam o ovo ou zigoto, a primeira célula de qualquer organismo. Essa célula, então, começa a se dividir, formando o novo organismo. Isso quer dizer que cada nova célula é, em teoria, uma cópia idêntica da primeira.

As pessoas com síndrome de Down têm muito mais em comum com o resto da população do que diferenças. Se você é pai ou mãe de uma pessoa com síndrome de Down, o mais importante é descobrir que seu filho pode alcançar um bom desenvolvimento de suas capacidades pessoais e avançará com crescentes níveis de realização e autonomia. Ele é capaz de sentir, amar, aprender, se divertir e trabalhar. Poderá ler e escrever, deverá ir à escola como qualquer outra criança e levar uma vida autônoma.

2.2 CARACTERIZAÇÃO

A criança com síndrome de Down, tem suas características físicas bem definidas porém, ela também irá ter características físicas dos seus pais como: cor dos olhos, cor dos cabelos, mas a própria síndrome em suas características

deixa-os muito diferente de seus pais e outras crianças. A trissomia do cromossomo 21 traz bastante características físicas para o indivíduo, assim que nasce os médicos já suspeitam apenas pelas suas feições, isso por que as alterações começam desde a barriga da mãe, daí então que começam ser feitos os exames de cariótipo para ter a certeza da síndrome, nem todos os indivíduos tem as mesmas características porem eles tem alguns aspectos iguais, como:

- Hipotonia muscular - pouca força muscular onde atrasa sua coordenação motora, por isso eles tem que passar por fisioterapias adequadas para esse desenvolvimento motor, além disto os profissionais devem saber que de acordo com sua faixa etária esses exercícios tem que mudar e essas crianças e adolescentes geralmente tem instabilidade entre a primeira vértebra e a segunda vértebra devido a falta de força muscular.
- Cavidade oral pequena – normalmente a boca das pessoas com síndrome de Down são menores fazendo com que haja a dificuldade da fala então quando associada ao baixo tônus muscular é provocado a macroglossia “língua grande” protrusa e sulcada
- Microcefalia – apresentam cabeça menor e proeminente na nuca;
- Pescoço curto e largo;
- Mãos e pés pequenos e quadrados;
- Baixa estatura;
- Tendência de obesidade – tendo que ter uma observação na sua alimentação;
- Inclinação das fendas palpebrais;
- Dobras de pele no canto dos olhos;
- Tendência de deficiência visual;
- Anomalias cardíacas.
- Clinodactilia (encurvamento) dos quintos dígitos, aumento da distância entre o primeiro e o segundo artelho e prega única nas palmas das mãos.

É preciso ressaltar que essas características apesentam nas pessoas com síndrome de Down, porem em algumas mais visíveis que outras.

2.3 DIAGNÓSTICO

Para diagnosticar a síndrome de Down, são utilizados três tipos de exames: amniocentese, amostra vilocorial e a triagem de alfa-fetoproteína

Amniocentese é o exame onde colhe o líquido amniótico ao qual passa pelo processo de centrifugação e as células do feto se reproduziram numa cultura. Esta técnica passa a ser utilizada em uma escala aos anos de 1970 e é realizado normalmente entre 14 semanas a 16 semanas de gestação. Porém antes destes exame faz a ultrassonografia, pois esta ajuda na identificação da localização da placenta e da cavidade amniótica

A amostra vilocorial disponibilizou-se somente a partir dos anos de 1980, nos EUA, para a realização do mesmo, retira-se uma parte do tecido placentário que é obtido pela vagina ou através do abdômen. Durante a 8ª e a 11ª semana de gestação.

A triagem de alfa-fetoproteína materna disponibilizou-se nos anos de 1980 com ele notou-se que os níveis baixos de alfa proteína estão ligados ao embarçamento cromossômicos, principalmente no caso da síndrome de Down. No exame da ultrassonografia, onda sonoras são lançadas para dentro do útero na qual são transmitidas através de um noonitos.

Alguns médicos utilizam esse exame para detectar a síndrome de Down, onde mede a grossura da pele, o pescoço e o osso da perna.

Estudos mostram que é possível identificar de 60% a 80% de identificar casos durante o período gestacional via esses exames.

2.4 CARIOTIPO

Para detectar a síndrome de Down os médicos devem solicitar um exame genético: o cariótipo. É através deste que se permite confirmar o diagnóstico. A confirmação de um cromossomo a mais no par 21 ocorre de um “erro” na divisão do material genético no início da formação do bebê, sendo necessário para transformar definitivamente o desenvolvimento embrionário. Esta forma genética, não determina o aspecto físico, nem uma maior ou menor deficiência intelectual.

2.5 DOENÇAS ASSOCIADAS COM MAIOR FREQUÊNCIA NA SÍNDROME DE DOWN.

Sujeitos com Síndrome de Down apresentam mais problemas de saúde do que os ditos "normais", no decorrer do tempo esses indivíduos vão se deparar com diversos tipos de doenças como, infecções, problemas odontológicos, de visão, audição, cardíacos, problemas no intestino, entre outras. Em relação às infecções, as crianças apresentam problemas respiratórios com grande frequência, podem ter também dores de ouvido, já na fase da adolescência, apresentam infecções de pele, principalmente na região das nádegas e coxas. Estas pessoas são mais sujeitas à infecções por terem uma deficiência imunológica, que faz com que elas tenham inúmeras vezes. Os problemas odontológicos começam a ficar visíveis já nos primeiros meses de vida da criança com Síndrome de Down, nelas pode-se observar um atraso no nascer dos dentes, hábitos como apertar os dentes, tanto em adultos como em crianças, apresentam ainda o hábito de sugar os dedos. No entanto o maior problema dental está relacionado às gengivas (doença periodontal e gengivite). Quanto a visão existem relatos que 50% das crianças têm dificuldade de ver de longe e 20% de ver de perto. Muitas crianças possuem inflamações nas pálpebras e outras, possuem movimentos rápidos nos olhos (nistagmo). Em média 60 % a 80% das crianças com S.D. possuem problema de audição que podem ser leves ou moderados, em muitos casos deve-se ao aumento de cera no, causando frequentes infecções de ouvido. Em relação aos problemas cardíacos, estes estão presentes em 50% dos casos, e deve ser detectado com urgência. Após o nascimento da criança com Síndrome de Down, é necessário que ela seja examinada por um cardiologista, independentemente de demonstrar os sinais que indicam a cardiopatia congênita (baixo ganho peso, desenvolvimento mais lento quando comparada às outras crianças com a síndrome de Down, malformações torácicas, cansaço constante). É necessário um exame detalhado que inclui desde a ausculta dos batimentos cardíacos, a constatação da possível presença de sopro. Quanto aos problemas intestinais geralmente acontece em crianças com Síndrome de Down, como por exemplo, estenose ou atresia do duodeno, imperfuração anal, podendo precisar assim de uma cirúrgica. Muitas crianças com S.D. podem não demonstrar nenhuma anormalidade e estarem em ótimo estado de saúde, porém é importante ressaltar que, torna-se necessário

um acompanhamento médico regularmente, para que possam ter uma melhor qualidade de vida.

2.6 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO SOCIAL

Os indivíduos com síndrome de Down apresentam alterações severa ou leve aquisição de conceitos de tempo, espaço que suas limitações muitas vezes são decorrentes do comprometimento da memória auditiva, da linguagem e do psicomotor. Existem outras questões que implicam mais na aquisição de aprendizagem como: alterações auditivas e visuais, dificuldade em organizar condutas e atos cognitivos em sequência, a imaturidade nervosa presente, dificulta as funções mentais (memória, abstração, percepção, habilidades, raciocínio, relações especiais corporais, entre outras). Devido as inúmeras alterações de sistema nervoso, causam dificuldades no desenvolvimento global dos aspectos cognitivos, físico e social.

As pessoas com síndrome de Down necessitam de estratégias e estimulação desde bebê, para assim evitar o desinteresse;

WERNECK (1982,p118) ressalta que:

Por falta de informação entretanto, a maioria dos pais perde esse tempo preciso, que geralmente coincide com a fase de maior desanimo em consequência do diagnóstico da síndrome. Assim, raramente procuram um especialista capaz de orienta-los na estimulação adequada nesses primeiros meses de vida do filho.

Embora o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos com síndrome de Down tenham algumas limitações, podem alcançar nível intelectual avançado. Porém devemos sempre ter consciências da colaboração do meio social que o indivíduo está inserido. Entretanto para desenvolver aspectos cognitivos, que sejam relevantes para contribuir no seu desenvolvimento diante de suas dificuldades na aprendizagem, proporcionando-os assim condições necessárias para se alfabetizar

2.7 SEXUALIDADE DAS PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

O tema sexualidade, sempre foi abordado como um tabu para muitas famílias principalmente os religiosos, mesmo com tantas tecnologias e modernidades, o fato dos pais falar sobre sexo com seus filhos é bastante “constrangedor” como algumas relatam. A sexualidade das pessoas com síndrome de Down é normal na visão de muitos profissionais, porém pela falta de informação em meio a família, torna-se retraída. Pelo fato dessas pessoas com Síndrome de Down não terem uma vida sexual ativa, eles buscam prazer através da masturbação onde por muitas vezes os pais ignoram o ocorrido.

As mulheres com a trissomia tem mais possibilidades de engravidar, e em alguns casos os bebês nascem sem a trissomia.

Os homens com síndrome de Down, são considerados inférteis, mais não se é comprovado pelos médicos. Porém alegam que eles produzem uma quantidade de espermatozoide menor que a dos ditos normais e geralmente são mais lentos, em sua movimentação, por esse motivo não ocorre a fecundação.

Apesar do tema ser considerado polêmico, deve-se conscientiza-los da sexualidade deles, pois existem profissionais capacitados para esse tipo de abordagem, cabe aos pais compreender que seus filhos são capazes de entender se for trabalhado de forma natural.

A curiosidade em descobrir o corpo do outro e o próprio, são sinais que o desejo sexual está aflorando, bem como a vontade de explorar os próprios órgãos genitais e diversas vezes são chamadas atenção por estes atos, e isso acaba gerando dúvidas, pois não recebem nenhum tipo de explicação. Muitos adolescentes com deficiência, quando orientados, entendem que existem comportamentos adequados e inadequados em relação ao sexo e a manipulação dos órgãos genitais diante de mais pessoas, entendem também as consequências e as responsabilidades vindas com o prazer que o sexo proporciona. Porém vale ressaltar, que alguns adolescentes só absorvem o certo do errado quando a uma orientação por parte dos pais, professores, ou até mesmo do médico, na qual estes quanto se negarem a falar no assunto mais fantasias estes adolescentes criam

2.8 MODELOS DE ATENDIMENTO.

As crianças com síndrome de Down desde cedo precisa de acompanhamento da família e de especialista, para melhor desenvolvimento a família deve saber e praticar de algumas habilidades em seu dia a dia. Praticar essas habilidades desde bebe pode no futuro ter uma melhor capacidade em diversos aspectos como: desenvolvimento motor, comunicação e cognição.

A fisioterapia é fundamental para crianças com Down onde colabora no desenvolvimento motor da criança ajudando no posicionamento ideal do seu corpinho e fortalecimento físico, essa ida a fisioterapia só deve ser ocasionada na hora exata quando o médico achar o momento certo, pois assim que nasce os bebes com síndrome de Down tem o corpo muito molinho e juntas flexíveis e também os que já nascem com algum tipo de cardiopatia grave os exercícios são contraditórios.

Outro atendimento que tem que ser acompanhado é a ida ao fonoaudiólogo também desde o nascimento pois a hipotonia deixa os ossos da face mais molinho e dificulta a amamentação e posteriormente seu desenvolvimento.

O fonoaudiólogo poderá tratar as questões:

- Articulação de sons, linguagem oral, leitura e escrita;
- Dificuldade de alimentação, como sugar, mastigar e engolir;
- Coordenação entre as funções orais e a respiração;
- Fortalecimento da musculatura da face e da boca.

Terapias ocupacionais são ideais para esse indivíduo desempenhar suas atividades diárias levando em conta suas particularidades com o ambiente em que vivem

Essas habilidades incluem

- Crianças aprenderem usar o modo correto de comer com a colher
- Beber no copo
- Usar banheiro e brincar com brinquedos adequados para sua faixa etária

A terapia também ajuda a esta criança ou adolescente a conviver com a sociedade e se adequar ao meio em que vive para que consiga viver num ambiente confortável e de confiança e se integrar á vida familiar.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma pesquisa exploratória de campo, onde o objetivo era conhecer o convívio de alunos com síndrome de Down na escola, buscar se havia de fato a inclusão desses alunos, como diretoria, professores e mães, tratavam esta questão. Como esses jovens se sentiam e se comportavam quando estavam na escola.

3.1 A INSTITUIÇÃO

A instituição escolhida para pesquisa de campo foi a escolha IEP (Instituto Educacional da Paraíba) onde se localiza na cidade de João Pessoa PB, Centro, Rua: Camilo de Holanda.

Etapas de ensino

- ❖ Ensino médio - normal
- ❖ Ensino médio - EJA
- ❖ Ensino fundamental - anos iniciais
- ❖ Educação especial – EJA , fundamental

Infraestrutura

- ❖ Água da rede publica
- ❖ Energia da rede publica
- ❖ Esgoto
- ❖ Coleta de lixo
- ❖ Acesso à internet

Dependências

- ❖ 22 salas de aula
- ❖ 113 funcionários
- ❖ Sala de diretoria
- ❖ Sala dos professores
- ❖ Laboratório de informática

- ❖ Laboratório de ciências
- ❖ Sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especial especializado (AEE)
- ❖ Quadra coberta
- ❖ Alimentação para alunos
- ❖ Cozinha
- ❖ Biblioteca
- ❖ Sala de leitura
- ❖ Banheiro dentro do prédio
- ❖ Banheiro adequado a alunos com deficiência
- ❖ Dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
- ❖ Sala de secretaria
- ❖ (1) banheiro com chuveiro
- ❖ Refeitório
- ❖ Dispensa
- ❖ Auditório
- ❖ Pátio

Equipamentos

- ❖ Computadores administrativos
- ❖ Computadores para alunos
- ❖ TV
- ❖ Impressora
- ❖ DVD
- ❖ Aparelho de som
- ❖ Data show
- ❖ Retroprojektor

Uma boa educação é um bem enorme que produz benefícios pessoais durante toda vida. Isso não é diferente para pessoas com a síndrome de Down. Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, a escolarização é um passo fundamental no desenvolvimento psicoafetivo e no processo de socialização.

Conviver com pessoas de diferentes origens e formações em uma escola regular e inclusiva pode ajudar ainda mais as pessoas com síndrome de Down a desenvolverem todas as suas capacidades.

Na realidade esse conceito torna-se diferente, na escola referida, os alunos portadores de síndrome de Down e seus pais preferem um ambiente exclusivo para eles, onde os mesmos sentem-se melhor e incluídos.

Os alunos relataram que gostam de estar entre eles no Iepinho (escolinha criada pelo IEP)

As mães relatam a luta para conseguir esse espaço e poder acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos. Pois pelo fato de cuidado e proteção queriam estar presente e verificações que estavam bem. Porém no atendimento especializado (AEE). Elas se mantêm de fora, pois entendem que é importante a relação aluno, professor e a presença das mesmas pode ocasionar um bloqueio nos filhos (alunos) e um constrangimento para a professora.

3.2 ENTREVISTAS

3.2.1 Relato de uma mãe

– Teve dias em que ficávamos na esquina da escola, onde encostávamos na sombra e os carros que passavam na avenida chegavam a perguntar quanto era o programa nos chamando de prostitutas. Mas na verdade não sabiam que ali eram mães que estavam buscando o bem estar de seus filhos, que por ser Down, era excluído por muitas escolas regulares e pela sociedade que é preconceituosa.

A escola não oferecia um espaço as mães, não achavam necessário, e como qualquer outro aluno, que os pais deixam na escola e vão embora, assim também tinha que ser com eles. A escola alegava que não tinha vagas para atende-las, e também acreditavam que a presença delas poderiam interferir de algum modo no desenvolvimento dos seus filhos (alunos), criando uma barreira entre a escola e a família.

3.2.2 Relato de uma avó

- Não aguentava mais ver minha neta sofrendo, todos os dias que chegava da escola, ela tinha 38 graus de febre, e ninguém mencionava o porquê da febre e dos choros em frente à escola, até que um dia observou que os alunos ditos normais não brincavam com sua neta e as atividades não eram inclusivas, a professora em sala, passava uma tarefinha para desfaçar mas não dava nenhuma assistência, daí com o apoio das outras mães falou com a diretora, mas não tinha vaga, daí foi na secretaria da educação.

Ela e as outras mães disseram que se tornariam voluntárias do IEP, exclusivamente do lepinho. Então conseguiram ganhar a causa. Hoje em dia sua neta fica triste quando não vai para a escola, diferente de antes, ela tornou-se baliza da FUNAD.

Essa vó e essas mães tiveram que se matricular no EJA para que assim pudessem pôr em prática o projeto de ser voluntárias.

Uma das causas da exclusão, tanto da sociedade, quanto das diversas famílias é o fato de que são, crianças jovens e adultos fora do padrão determinado e estabelecido socialmente que o julgamento de valor, torna-os incapazes para uma vida autônoma. Diante dessa problemática a família não dispõe de conhecimento e fragilizada necessita de ajuda em várias áreas muitas vezes essas famílias são encaminhadas para serem orientadas com psicólogos psicoterapeutas; dentro de um ambiente familiar os mais afetados são os pais sentirem medo de como seus filhos serão vistos e recebidos pela sociedade preconceituosa.

3.2.3 Relato da professora

Comecei a trabalhar com alunos especiais a 3 anos e senti algumas diferenças desde o aprendizado ao convívio social. Estou no IEP a 2 anos e norteadada diretamente para trabalhar com crianças com síndrome de Down. Não se tem muitos recursos, porém sempre busco idealizar atividades novas que ajudem a desenvolver o lado cognitivo.

Tenho nove alunos com síndrome de Down no qual dois tem o grau severo, devido a isso faço atividades diferenciadas mais nunca fugindo do conteúdo feito para os outros. São alunos maravilhosos e confesso que não ensino apenas, mas também aprendo muito com eles. Cada um tem um ponto de interesse, a maioria fazem aula de música, dança, tocam violino, inclusive teve um evento nesta terça-feira 06/11/2016 onde quatro deles se apresentaram no espaço cultural (localizado em Joao Pessoa – PB). Apesar das limitações deles, sempre buscam aperfeiçoamentos tem o desejo de aprender. O incentivo da família é muito importante, apesar de ter mães guerreiras, existem mães aqui que nem se importam; procuro sempre oferecer meu melhor, gosto muito do que eu faço e acredito que conta muito na minha caminhada.

3.2.4 Análise da direção

A direção do IEP diz que a escola é uma das referências, pelo atendimento com os alunos com síndrome de Down. Sempre buscam fazer um trabalho de socialização com a comunidade escolar referente ao tema síndrome de Down.

A inclusão, a participação da família é d grande ajuda o desenvolvimento deles pois o avanço educacional pode ser mais significativo. Os suportes são oferecidos parcialmente, tanto para a professora quanto para os alunos. Após a inclusão dos mesmos, a escola começou a buscar mais informações sobre o tema, interação e novas atividades para serem trabalhadas, no intuito de desenvolver o conhecimento em geral.

3.3 LEI DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O sistema educacional tem buscado respostas sobre o processo inclusivo, com o objetivo de proporcionar oportunidades as pessoas com necessidades especiais.

No Brasil a educação especial entrou no sistema geral de educação com a aprovação da Lei nº 4.024/61, contemplando o atendimento as pessoas com deficiência.

Em 1989 foi aprovada a lei nº7853/89 no item “educação” a obrigatoriedade gratuita da educação especial em estabelecimentos públicos de ensino, prevendo também punições para gestores de ensino público ou privado que se recusem a matricular alunos que apresentem algum tipo de deficiência, ou mesmo suspendam a sua permanência na escola.

Nesse sentido a escola deve proporcionar ao aluno, condições necessárias para que ele possa desenvolver suas capacidades. Dessa forma não é o aluno que se adapta a escola, mas é ela que se coloca à disposição do aluno tornando-se um espaço inclusivo. A escola deve ter como foco tratar todas as pessoas individuais, respeitando suas potencialização e diferenças.

A inclusão escolar requer um compromisso coletivo para se concretizar nos diversos âmbitos sociais. Direção, professores, melhor princípios e práticas que possam dar oportunidades em torno de uma proposta interdisciplinar, em situações escolares. É importante salientar que a interdisciplinar, baseia-se na relação das pessoas.

Uma das causas da exclusão, tanto da sociedade, quanto das diversas famílias é o fato de que são, crianças, jovens e adultos fora do padrão determinado e estabelecido socialmente em que o julgamento de valor, torna-os incapazes para uma vida autônoma. Diante dessa problemática a família não dispõe de conhecimento e fragilizada. Necessita de ajuda em várias áreas. Muitas vezes essas famílias são encaminhadas para serem orientadas com psicólogos, psicoterapeuta; dentro de um ambiente familiar os mais afetados são os pais, por sentirem medo de como seus filhos serão vistos e recebidos pela sociedade, preconceituosa.

3.4 COLETA DE DADOS

A entrevista deu-se na própria escola, nos dias que foram disponibilizados um espaço na cantina e no espaço pedagógico. Primeiro ocorreu a apresentação para a direção, logo em seguida para a professora e por último para as mães. Cada pesquisa teve duração de aproximadamente 30 minutos e foram realizados

em dois dias. Os sujeitos foram bastante colaboradores para o desenvolvimento desse trabalho.

3.5 ANÁLISES DE DADOS.

A análise dos dados coletados deu-se através de observações e entrevistas semiestruturadas e abertas no período de outubro e novembro de 2016.

Percebe-se que a sociedade ainda contradiz muito a respeito da síndrome de Down. Não se tem um conhecimento necessário sobre o assunto, como também são alheios a existência de pessoas com síndrome de Down.

Existe uma grande contradição entre diretores, professores e famílias de indivíduos com Down, no que se refere aptos.

Percebesse que muito se fala em inclusão e pouco se faz para que realmente aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa constatamos que tanto a sociedade, como a escola ainda não estão totalmente preparadas para acolher e aceitar as pessoas com síndrome de Down, assim também com outras deficiências. São poucas as pessoas que fazem algo para amenizar a situação, ou até mesmo aprofundar-se no assunto.

Nota-se também que as pessoas com síndrome de Down na maioria das vezes convivem mais com aquelas que fazem parte do seu ciclo de convívio diariamente, tem poucos amigos, preferem estar entre eles; em relação ao âmbito escolar percebe-se que estas pessoas estão incluídas, porém os profissionais que são responsáveis pela educação das mesmas, não estão preparadas suficientes para atendê-los adequadamente conforme as suas necessidades.

No entanto pode-se perceber, que é necessário mostrar que as pessoas com síndrome de Down tem capacidade de evoluir, basta que acreditem em seu potencial, que os estimulem, que façam do ambiente que estão inseridos um grande aliado e que não o exclua dentro da própria escola. Visto que dizer que inclui um aluno é fácil, difícil é trata-lo da mesma maneira que os demais.

Inclusão não é ocupar um espaço em sala de aula, mas possibilitar que esse aluno tenha estimulação em seu convívio e aprendizado através das atividades compatíveis com a de seus colegas de sala de aula ditos “normais”.

Acreditamos também na capacidade dessas pessoas, onde a qual suas limitações não as fazem desistir.

O aprofundamento desse trabalho, nos fez enxergar de forma mais ampla a exclusão da síndrome de Down nos âmbitos escolares, principalmente na sala de aula regular, onde de fato não ocorre o processo de inclusão. Apesar dos conhecimentos já obtidos na área, essa experiência entre relatos, nos fez conhecer o mundo Down de maneira mais próximo e proveitosa. Fazendo com que tenhamos outra visão para a vida.

Se as pessoas buscassem entender as capacidades das outras, a sociedade seria, menos preconceituosa e mais desenvolvida.

REFERÊNCIAS

MIZANI, Denise. Down, Síndrome de, como – onde – Quando – Porque. 3§. Ed. Editora livro pronto, 2004. Acesso em 28 de setembro de 2016.

PIANTINO, L Danezy. TUNES, Elizabeth. Cadê a síndrome de Down que estava aqui: O gato comeu,,: Programa da Lurdinha. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.< acesso em: 08 de outubro de 2016.

PAULON, Simme Mainier. FREITAS, Lia Beatriz de Luca. & PINHO, Gerson Smiech. Educação inclusiva, Documento Slibsiário à Política de Inclusão. Ministério da Educação – Secretaria de Educação – Brasília 2007.< acesso em 10 de outubro

RODRIGUES. Janine Marta Coelho; Pessoas com Síndrome de Down. Uma Reflexão pais e professores. Ed. Wak.< acesso em 18 de outubro de 2016.

APAE. A Síndrome de Down – Características Físicas das pessoas com trissomia 21. <http://Maceióapaebrasil.org.br//noticia.phtml/42572>.< acesso em 22 de outubro.

MOVIMENTO DOWN. Síndrome de Down; Destaque, Saúde; Desenvolvimento e estimulação; Educação; Direitos. [w.w.w.movimentodown.org.br](http://www.movimentodown.org.br).< acesso em: 30 de outubro de 2016.

APENDEC I

Roteiro de entrevista para a professora

1) Nome?

2) Quanto tempo em sala de aula?

3) Quanto tempo trabalha com crianças especiais?

4) Como você avalia a educação especial da escola?

5) Quais as atividades aplicadas com crianças com síndrome de Down?

6) Qual a relação da família com a escola?

7) Quantos alunos você tem na sala?

APÊNDICI 2

Roteiro de entrevista com a direção

- 1) O que a escola tem feito para melhorar o atendimento do aluno com síndrome de Down?

- 2) Como a escola pretende definir a participação da família com o processo de inclusão?

- 3) A escola oferece suporte, tanto para o professor quanto para o aluno?

- 4) Por ter um aluno com síndrome de Down, na sua escola a comunidade escolar buscou mais informações sobre a síndrome?
